

# “JORNALISMO DE COMBATE” NAS PÁGINAS DA REVISTA “O CRUZEIRO”:

o Engajamento Político de Rachel de Queiroz  
(1960-1964)

**FERNANDA MENDES\***

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o engajamento político da escritora e cronista Rachel de Queiroz na primeira metade dos anos 1960, desde as eleições vencidas por Jânio Quadros para a presidência da República até o golpe civil-militar de 1964. Tendo como fontes principais as crônicas escritas por Rachel na seção *Última Página* da revista *O Cruzeiro* e o seu livro autobiográfico, escrito a quatro mãos com sua irmã, Maria Luíza de Queiroz, o artigo pretende investigar o discurso político da escritora e sua atuação como intelectual engajada através de suas redes de sociabilidade.

**Palavras-chave:** Rachel de Queiroz; Intelectual; Política.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the political engagement of the writer and chronicler Rachel de Queiroz in the first half of the 1960s, from the elections won by Jânio Quadros for the presidency of the Republic until the civil-military coup in 1964. Having as main sources the chronicles written by Rachel in the section *Última Página* of the magazine *O Cruzeiro* and her autobiographical book, written in four hands with her sister, Maria Luíza de Queiroz, the article intends to investigate the political discourse of the writer and her acting as an engaged intellectual through her social networks.

**Keywords:** Rachel de Queiroz; Intellectual; Politics.

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista da CAPES.  
E-mail: fmendes91@hotmail.com

## Introdução<sup>1</sup>

Rachel de Queiroz foi uma intelectual profundamente engajada na vida política do Brasil ao longo de boa parte do século XX. Nascida em 1910 em Fortaleza, no Ceará, acompanhou de perto os principais acontecimentos da história do país, defendendo suas posições políticas em páginas de jornais, em livros e em suas redes de sociabilidade<sup>2</sup> até 2003, quando faleceu no Rio de Janeiro às vésperas de seu 93º aniversário.

Com o lançamento de seu primeiro romance, *O Quinze*, em 1930, quando tinha apenas 20 anos, a escritora frequentou desde cedo as rodas intelectuais, ambiente à época ainda fortemente dominado pela presença masculina. No entanto, mulher das letras e também da política, Rachel de Queiroz construiu ao longo de sua vida redes de amizade e influências que incluíam intelectuais renomados e políticos próximos ao poder, com quem trocou favores, debateu ideias e desenvolveu projetos. No acervo da escritora organizado pelo Instituto Moreira Salles (IMS), por exemplo, encontram-se correspondências enviadas por seis presidentes da República: Jânio Quadros, Castello Branco, Médici, José Sarney, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso<sup>3</sup>. Dos seis, cinco escreveram à Rachel enquanto ocupavam a presidência, sempre demonstrando afeto e admiração pela intelectual.

Além de suas influentes redes de sociabilidade, Rachel de Queiroz teve papel atuante em diversos jornais e revistas ao longo de sua vida profissional, como em *O Jornal*, *O Estado de S. Paulo*, *O Cruzeiro*, *Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco*, entre muitos outros. A revista *O Cruzeiro* foi a parceria mais duradoura de Rachel de Queiroz na imprensa: a escritora colaborou para o periódico de 1945 a 1975, durante 30 anos praticamente ininterruptos. *O Cruzeiro* foi uma das principais revistas brasileiras no século XX, de circulação nacional, pioneira no fotojornalismo e nas grandes reportagens. Um dos carros-chefes dos *Diários Associados*, conglomerado de mídia criado por Assis Chateaubriand, a revista alcançou seus anos dourados nas décadas de 1940 e 1950, chegando a atingir a tiragem de 720.000 exemplares na edição que cobriu o suicídio de Getúlio Vargas<sup>4</sup>.

Rachel de Queiroz escrevia crônicas semanais para *O Cruzeiro* na seção intitulada *Última Página*. Apesar de ter assinado contrato com a revista em 1945 concordando em não falar sobre política<sup>5</sup>, este foi um dos temas mais abordados em seus textos, reflexo da grande importância que Rachel dava para este campo em sua vida. O jornalista e escritor João Clímaco Bezerra, em matéria especial para *O Cruzeiro* sobre a trajetória da escritora, assim a define: "Rachel de Queiroz, apesar de não pertencer a nenhum partido, é essencialmente política"<sup>6</sup>. Contudo, suas crônicas também abordavam temas dos mais variados, como críticas literárias, anedotas, impressões do cotidiano, histórias familiares, política internacional, eventos, práticas intelectuais, entre muitos outros.

---

1 A composição deste artigo é resultante, em parte, de pesquisa desenvolvida para o Mestrado em História Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), financiada pela CAPES.

2 O conceito de "redes de sociabilidade" é desenvolvido por Jean-François Sirinelli em "Os Intelectuais". In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

3 Acervo Rachel de Queiroz/Instituto Moreira Salles.

4 CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. 2ª Ed. São Paulo: SENAC, 2001, p.8.

5 Arquivo Rachel de Queiroz/Academia Brasileira de Letras.

6 *O Cruzeiro*, 24/03/1971, p. 105. "Rachel de Queiroz – viagem para o tempo". Apesar de João Clímaco Bezerra afirmar que a escritora não pertencia a nenhum partido, Rachel integrou o diretório nacional da ARENA de 1966 até 1972, embora não tenha sido uma correligionária ativa – não há registro de nenhum comparecimento da escritora em reuniões do partido neste período, conforme consta no arquivo da ARENA organizado pelo CPDOC/FGV.

---

---

Tanto nas páginas de *O Cruzeiro* quanto em suas redes de sociabilidade, Rachel de Queiroz exerceu o papel de intelectual politicamente engajada. Durante sua juventude, nos anos 1930, a escritora integrou os quadros do Partido Comunista do Brasil (PCB)<sup>7</sup> durante o período rápido de um ano, quando ajudou a fundar o núcleo do partido em Fortaleza. Em 1934, se candidatou à deputada pelo Partido Socialista, integrando a Frente Única Antifascista (FUA), mas perdeu as eleições. Por conta de seu envolvimento com o comunismo e demais grupos de esquerda, Rachel foi presa algumas vezes durante o governo Vargas e teve seu terceiro livro, *Caminho de Pedras*, queimado em praça pública<sup>8</sup>.

A partir daí, a escritora desenvolveu um profundo repúdio por Getúlio Vargas e seus herdeiros políticos. Fez oposição ferrenha aos governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart e, apesar de seu passado envolvido com as esquerdas, atacou de forma recorrente em *O Cruzeiro* os movimentos trabalhistas e comunistas no Brasil. No período que antecedeu ao golpe de 1964, Rachel de Queiroz conspirou com militares e outros políticos e intelectuais a favor da deposição de Jango e, uma vez instaurada a ditadura, defendeu-a abertamente na *Última Página* até 1975, quando a revista deixou de circular.

Escritora, mulher da política e intelectual engajada, Rachel de Queiroz abre uma série de questões para se pensar o papel do intelectual no século XX, os diálogos possíveis entre cultura e política e o envolvimento na vida pública do país. Jean-François Sirinelli sugere a definição de “intelectual” a partir de duas perspectivas distintas, mas não excludentes: a primeira, de caráter sociocultural, é voltada para a noção de criadores e mediadores culturais, incluindo professores, tradutores, jornalistas, escritores, artistas, eruditos, etc, ou seja, produtores e disseminadores de saberes e conhecimentos; e a segunda, baseada na noção de engajamento na vida política da cidade ou do país como ator, testemunha ou consciência, por exemplo, a partir da assinatura de manifestos ou artigos de opinião<sup>9</sup>. Concebendo Rachel de Queiroz na interseção entre essas duas concepções propostas por Sirinelli, este artigo pretende analisar a atuação da escritora em suas redes de sociabilidade e nas crônicas publicadas na revista *O Cruzeiro* durante o início da década de 1960, período de grandes rupturas e acontecimentos marcantes da história recente do país, com o objetivo de compreender o papel desempenhado por Rachel de Queiroz como intelectual politicamente engajada.

## Udenismo e Eleições

Nos anos 1960, diferentemente de sua juventude comunista, Rachel de Queiroz já expressava uma orientação conservadora e, em muitos momentos, autoritária. Insatisfeita com o governo JK e com a coligação governista PSD/PTB, Rachel ansiava pela mudança de poder na política brasileira. Apesar de sempre defender em textos e entrevistas que não era ligada a nenhum partido, no período aqui analisado a escritora demonstrou grande afinidade com a UDN. Suas redes de sociabilidade incluíam amigos com nomes udenistas importantes, como Milton Campos, Juarez Távora, Afonso Arinos de Mello Franco, Carlos Lacerda, Luís Viana Filho, Raymundo Moniz de Aragão, entre tantos outros.

Fundada em 1945, diante do fim do Estado Novo, a UDN foi um dos principais partidos políticos brasileiros no período democrático entre 1945 e 1964 e construiu sua trajetória

---

7 A alteração do nome para Partido Comunista Brasileiro aconteceu apenas em 1961.

8 QUEIROZ, Rachel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

9 SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. *Op. cit.*

partidária justamente na oposição a Getúlio Vargas e sua herança política – um dos vários pontos com os quais Rachel se relacionava. Durante seus 20 anos de existência<sup>10</sup>, a UDN foi composta por diferentes grupos e correntes políticas, ocasionando disputas e divergências internas. Contudo, Maria Victória Benevides define o partido da “eterna vigilância” como detentor de uma herança ideológica associada ao liberalismo e cujas principais bandeiras foram o antigetulismo e o anticomunismo, além de uma imagem pública associada ao moralismo e ao elitismo<sup>11</sup>.

Para além da UDN, Benevides aponta a formação de um movimento político-ideológico que excedia o partido, o chamado “udenismo”, definido pela autora como “o conjunto de ‘ideologias’ e práticas políticas que poderiam extrapolar os limites institucionais da UDN (o partido político) mas com ela se identificavam, no reconhecimento público e num circuito simbólico de mútua alimentação”<sup>12</sup>. Desta forma, apesar de Rachel não ter sido filiada à UDN, identifica-se em seus textos uma grande afinidade com o “udenismo”, a partir tanto de congruências entre as bandeiras levantadas, principalmente o anticomunismo e o antigetulismo, quanto da defesa aberta de governos e candidatos que pertenciam ao partido.

Em outubro de 1960 foram realizadas no Brasil eleições para presidente e vice-presidente da República e para governador em nove estados, além do recém-criado estado da Guanabara, que elegeria governador e membros para a Assembleia Constituinte. Os candidatos à presidência naquele ano foram o marechal Henrique Teixeira Lott, pela coligação governista PSD/PTB; Adhemar de Barros, pelo PSP; e Jânio Quadros, lançado pelo PTN e apoiado por vários outros partidos, entre eles a UDN. Quanto à vice-presidência, a disputa ficou entre João Goulart, candidato da chapa PSD/PTB, e Milton Campos, um dos fundadores da UDN em 1945, concorrendo ao cargo pelo seu partido.

Nas crônicas escritas em *O Cruzeiro*, Rachel de Queiroz abordou em diversos textos o tema das eleições naquele ano, fazendo comentários e projeções sobre o cenário político brasileiro. Em um desses textos, publicado em setembro de 1960, a escritora conta ter recebido pedidos de seus leitores para que indicasse “bons candidatos” – solicitação atendida por Rachel na crônica “Voto a descoberto”:

Está chegando a hora das eleições e, como sempre, os leitores meus amigos escrevem, pedindo que lhes fale nos bons candidatos. (Até hoje ainda não sei bem qual o motivo deles quando me fazem perguntas desse tipo: será que desejam mesmo orientação, ou apenas querem saber com quem vota a cronista?) De qualquer modo, esta eleição de 1960 é assunto sério, seríssimo, na qual estará jogando, provavelmente, o destino final da democracia brasileira. Aproveitemos, portanto, a oportunidade e vamos votar a descoberto, porque segredo de jornalista só serve quando contado e, um eleitor, um único, que esta criada de vocês consiga influenciar, já será um voto a mais para os candidatos que julga melhores. E de voto em voto é que a urna enche o papo...<sup>13</sup>

Rachel de Queiroz reflete, no trecho acima, sobre seu próprio papel como jornalista dona de um espaço semanal em revista de circulação nacional, e, conseqüentemente, sobre sua função como intelectual. Ao abordar o cenário eleitoral brasileiro, a escritora admite a “orientação” que é capaz de fornecer aos seus leitores e sua capacidade de influenciá-los – no caso, convencendo-os a votarem nos candidatos que “julga melhores”. Cabe destacar, ainda, a previsão feita sobre o futuro do país em jogo naquelas eleições,

---

10 A UDN foi extinta em 1965, quando o Ato Institucional nº 2 pôs fim aos partidos políticos então existentes e instituiu o bipartidarismo no país.

11 BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o udenismo: ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p.19-20.

12 *Idem*, p.147.

13 *O Cruzeiro*, 10/09/1960, p. 178. “Voto a descoberto”.

---

---

concretizada quatro anos mais tarde: “esta eleição de 1960 é assunto sério, seríssimo, na qual estará jogando, provavelmente, o destino final da democracia brasileira”<sup>14</sup>.

O discurso de Rachel na crônica citada, e em muitas outras, dialoga com o movimento modernista surgido no país nos anos 1920, sobretudo a corrente verde-amarela. Preocupados com a formação da nação e de uma identidade nacional, os intelectuais modernistas assumem o papel de “soldados a serviço da pátria”, conforme sugere Mônica Pimenta Velloso. A ordem passa a ser abandonar a “torre de marfim”, evitando os temas de cunho pessoal, para “por os pés na terra”, ou seja, voltar suas reflexões para os destinos do país, deixando de falar de si mesmo para discutir sobre a nação brasileira<sup>15</sup>.

A noção de engajamento político como papel do intelectual foi, portanto, uma tradição presente no modernismo, iniciada nos anos 20 e consolidada nos anos 30 e 40, principalmente durante o Estado Novo. Segundo Angela de Castro Gomes, ganhou força neste período a ideia de que os intelectuais possuíam aptidões específicas e uma função social estratégica, a de ser o “intérprete da brasilidade” e cooperar para o acordo entre política e sociedade<sup>16</sup> – papel que Rachel de Queiroz também se atribui em suas crônicas, ao julgar-se capaz de “orientar” e “influenciar” seus leitores quanto ao cenário político do país.

Nesta linha, a escritora declara na *Última Página* seus votos para presidente e vice-presidente da República: Jânio Quadros e Milton Campos, respectivamente – ambos apoiados pela UDN. Além de indicá-los, faz campanha em defesa de suas eleições. Sobre Jânio, conta que sua “firme esperança” era o candidato do PTN “restaurar no Brasil um estilo de governo federal que já quase ninguém recorda; um tipo de governo que aqui não vemos creio que desde os velhos tempos do quadriênio Rodrigues Alves”<sup>17</sup>. Já ao apresentar o candidato Milton Santos, Rachel de Queiroz é ainda mais enfática e tece uma série de elogios ao udenista: “é uma alegria ter a oportunidade de nomear nesta coluna alguém que é um dos capitais humanos mais preciosos deste País, um homem cuja simples presença na vida pública é uma das causas da gente não desanimar de ser brasileiro”<sup>18</sup>.

Saindo do plano nacional, a escritora passa a comentar as eleições para governador e membros da Assembleia Constituinte da Guanabara. Ainda exercendo o papel de “orientadora” de seus leitores, Rachel explica de forma clara e didática o que está em jogo nestes votos para os cariocas:

Desse modo, não se trata de eleger agora, como se fazia antes, o bom vereador que talvez arranjasse uma bica para a nossa rua, ou resolvesse o problema do buraco no calçamento, ou obtivesse a vaga na escola. Temos que procurar homens de muito maior gabarito, independentemente das nossas simpatias pessoais, das nossas preferências de bairro. A questão agora é para valer, e os erros de uma má escolha de constituintes não poderão ser sanados na próxima eleição; eles ficarão nos atormentando e nos criando problemas por prazo indefinido, já que esses erros irão se refletir diretamente na qualidade da Constituição elaborada pelos nossos deputados<sup>19</sup>.

Rachel, portanto, ensina seus leitores as diretrizes sobre como votar, o que levar em consideração para suas escolhas, a importância desta eleição específica e as consequências

---

14 *Ibidem*.

15 VELLOSO, Mônica Pimenta. “A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista”, *Estudos Históricos, Rio de Janeiro*, CPDOC, v. 6, n. 11, p.89-112, 1993.

16 GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

17 *O Cruzeiro*, 10/09/1960, p.178. “Voto a descoberto”.

18 *Ibidem*.

19 *Ibidem*.

que suas decisões trarão para o futuro do novo estado. Em 1960, os principais candidatos a governador da Guanabara eram Carlos Lacerda, pela UDN, e Sérgio Magalhães, pelo PTB. A escritora, mais uma vez, opta pelo candidato udenista e apresenta Lacerda como a "escolha óbvia" para o cargo, sem se alongar no assunto. Segundo Benevides, a presença forte tanto de Lacerda quanto do PTB no Rio de Janeiro trouxe uma singularidade para a região: a polarização aguda entre o lacerdismo e o trabalhismo<sup>20</sup>. Rachel de Queiroz, por conta de sua admiração por Lacerda e por sua afinidade ideológica com o udenista, se alinhou ao lacerdismo em suas crônicas na *Última Página*, fazendo coro a este fenômeno político no que tangia à oposição ferrenha ao PTB, à afinidade com setores militares e à tendência golpista e autoritária.

Entre os candidatos à Assembleia Constituinte da Guanabara, Rachel indicou um total de 14 nomes<sup>21</sup>, divididos entre três partidos: Humberto Bastos e Lopo Coelho pelo PSD; Dulce Magalhães, Gladstone Chaves de Melo e Luiz Carlos Mancini pelo PDC; e Afonso Arinos de Mello Franco Filho, Aliomar Baleeiro, Arnaldo Nogueira, Carlos Flexa Ribeiro, Hélio Fernandes, Lígia Maria Lessa Bastos, Murilo Miranda, Sandra Cavalcanti e Temístocles Cavalcanti pela UDN<sup>22</sup>.

Temos um total, portanto, de dois políticos do PSD, três do PDC e nove da UDN, este último representando ampla maioria em relação aos demais. O PDC, segundo mais citado por Rachel, foi um aliado recorrente da UDN em eleições e, assim como o partido de Lacerda, era antigetulista e levantava bandeiras conservadoras. Do total de 14 nomes indicados pela escritora em sua crônica, sete foram eleitos para a Assembleia Constituinte: Afonso Arinos de Mello Franco Filho, Aliomar Baleeiro, Gladstone Chaves de Melo, Lígia Lessa Bastos, Lopo Coelho, Sandra Cavalcanti e Temístocles Cavalcanti<sup>23</sup>.

No mês seguinte, em outubro de 1960, Rachel de Queiroz celebrou a vitória de Jânio Quadros e de alguns governadores, entre eles o seu candidato ao governo da Guanabara, Carlos Lacerda. Após muitos anos na oposição política, a escritora comemorou sua mudança para a situação:

Quem quiser ache deselegante, mas estou aqui para cantar vitória. Afinal, tenho direito, pois desde que me entendo por gente, jamais tinha visto candidato meu ganhar eleição. [...] Confesso que me sinto um pouco cheia de dedos ao deparar comigo assim, de repente, tão completamente governista. Para onde me viro só vejo amigos vencendo, é espantoso. Nós, a velha guarda da Oposição, não estamos acostumados a jogar no vencedor<sup>24</sup>.

Rachel de Queiroz se refere aos candidatos vencedores como "amigos", demonstrando a grande proximidade com os círculos políticos próximos ao poder. Na semana seguinte, a escritora segue repercutindo a vitória de Jânio Quadros nas eleições e deposita grande confiança no novo presidente, responsável pela chegada do "tempo das falas novas":

Meu Deus, parece um sonho. A gente volta a ter esperança. A acreditar em alguma coisa. A gente, a quem o governo nada tem a dar em posições nem em vantagens pessoais – que do governo nada quer senão que governe, que exerça o mandato do povo na sua plenitude, e governe, com largueza, com dignidade, com honradez e inteligência<sup>25</sup>.

Ainda naquele ano, Rachel de Queiroz recebeu um telegrama de Jânio Quadros

---

20 BENEVIDES, *op. cit.*, p.255.

21 *O Cruzeiro*, 10/09/1960, p.178. "Voto a descoberto".

22 As filiações partidárias dos candidatos foram identificadas a partir de edições do *Jornal do Brasil* da época e de verbetes consultados no Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro organizado pelo CPDOC.

23 *Jornal do Brasil*, 13/11/1960, Segundo Caderno, p.3.

24 *O Cruzeiro*, 22/10/1960, p.132. "Aleluia".

25 *O Cruzeiro*, 29/10/1960, p.168. "O tempo das falas novas".

---

---

chamando-a para ir vê-lo em caráter oficial em São Paulo. Chegando lá, Jânio foi ao seu encontro e convidou a escritora para ocupar o cargo de ministra da Educação. Rachel recusou o convite, justificando não ter nascido para “mulher pública” e não querer por em risco sua “independência intelectual”. No entanto, conforme aponta Natália Guerellus, mesmo declinando o convite a escritora exerceu grande influência no ministério, nomeando praticamente todos os cargos na área cultural durante o governo Janguista<sup>26</sup>.

Durante a curta passagem de Jânio Quadros pela presidência, Rachel de Queiroz apoiou boa parte de suas ações e demonstrou confiança em seu governo nas crônicas da *Última Página*. A sua renúncia em agosto de 1961 foi, portanto, uma grande decepção para a escritora, obrigada a assistir ao retorno do grupo político que tanto criticava: o PTB de João Goulart. As crônicas publicadas após a saída de seu candidato e amigo são de profunda desesperança quanto ao futuro do país e de insatisfação com o governo Jango. No início de 1962, Rachel publica um texto sobre as diferenças de expectativas com que se começava o ano anterior:

E pensar que há um ano atrás [sic] estávamos tão cheios de esperanças. Parecia que inaugurávamos tempos novos, que terminara a era das loucuras, que o Brasil afinal encontrara o seu caminho, aquele meio-termo seguro que é a rota da regeneração e da saúde. Para dar nisso que está aí. Essa mesquinha confusão, essa comédia de erros e enganos. Todas as esperanças destruídas, o trabalho paciente de anos – a pregação, a expectativa, a escolha, a recusa dos falsos valores, a obstinada denúncia da impostoria, a palavra dita de um em um, a aparente vitória...<sup>27</sup>

Em setembro de 1962, mesmo decepcionada e desesperançada com os rumos da política no país, Rachel manteve sua prática de indicar nomes a seus leitores em épocas de eleição. Assim, na crônica “Candidatos”, a escritora abordou as votações para deputado, governador e senador que aconteceriam em onze estados no mês seguinte. E, mais uma vez, usou o espaço de sua coluna para dialogar diretamente com seu público leitor e fazer suas recomendações:

Em todo caso, sei de alguns nomes que tenho prazer em recomendar. Não é que me irroque alguma sabedoria especial para escolher, mas uma garantia posso dar: a eles só peço que, eleitos, cumpram o mandato, a lei, sirvam o povo e honrem a procuração que lhes passa o eleitorado. E já é muito, se fizerem isso tudo<sup>28</sup>.

Demonstrando conhecimento sobre o panorama geral da política brasileira, a escritora sugeriu opções de votos para diferentes regiões do país. No Ceará, indicou Virgílio Távora (UDN) e Paulo Sarasate (UDN) para governador e deputado federal, respectivamente. Para o Espírito Santo, apontou João Calmon (PSD) como candidato ao Senado<sup>29</sup>. Já para o estado da Guanabara, recomendou Lopo Coelho (UDN) para vice-governador e Juracy Magalhães (UDN) para senador. Temos novamente aqui a ampla maioria dos políticos indicados filiada à UDN, indicando a afinidade ideológica de Rachel com o partido.

A crônica “Candidatos” foi escrita há menos de dois anos do golpe civil-militar. Analisando a trajetória política desses cinco nomes recomendados por Rachel, identificou-se um importante

---

26 GUERELLUS, Natália de Santana. *Como um Castelo de Cartas: culturas políticas e a trajetória de Rachel de Queiroz (1910-1964)*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

27 *O Cruzeiro*, 06/01/1962, p.114. “1962”.

28 *O Cruzeiro*, 29/09/1962, p.130. “Candidatos”.

29 João Calmon na verdade foi eleito deputado federal pelo Espírito Santo, o que indica uma possível confusão feita por Rachel de Queiroz na hora de apresentar o candidato.

traço em comum entre eles: todos apoiaram o movimento de 1964 e filiaram-se à ARENA, partido afinado ideologicamente com o governo militar, após a implantação do bipartidarismo, decretado por Castello Branco em 1965. Paulo Sarasate conspirou ativamente pelo golpe e foi senador no Ceará até junho de 1968, quando faleceu; Virgílio Távora foi vice-presidente da ARENA durante os governos Médici e Geisel; João Calmon, além de deputado federal e senador do Espírito Santo pela ARENA, teve seu nome indicado por Costa e Silva para a vice-presidência da República; Juracy Magalhães e Lopo Coelho foram ministros de Castello Branco e Geisel, respectivamente<sup>30</sup>. Todos, portanto, não só apoiaram o golpe em 1964, mas desempenharam papéis ativos na sustentação do regime ditatorial ao longo dos anos que se seguiram.

### **A Escalada até o Golpe**

Nos anos de 1963 e 1964, acompanhando o cenário político brasileiro de um modo geral, Rachel de Queiroz foi adotando postura cada vez mais radical em suas crônicas e fora delas. Se na década de 1930 a escritora se envolveu com grupos de esquerda e chegou a ser filiada ao PCB, conforme avançavam os anos 1960 Rachel incorporou um discurso cada vez mais anticomunista e, principalmente, antitrabalhistas, culminando em sua participação e defesa no golpe civil-militar em 1964.

Em seu livro de memórias, escrito a quatro mãos com sua irmã mais nova, Maria Luíza de Queiroz, Rachel fala mais detalhadamente sobre como se deu o seu processo de radicalização política, diretamente relacionado à renúncia de Jânio Quadros e à chegada de Jango à presidência da República:

O fato é que Getúlio passou a simbolizar, para nós, a reação, o fascismo, a aliança com o Eixo. E essa imagem de Getúlio Vargas não se acabou com a sua morte: prolongou-se através de Jango, de Brizola, do queremismo de Hugo Borghi. Quer dizer, uma vez morto Getúlio, mesmo saindo de cena a pessoa dele, o getulismo continuou ovante. Ao surgir a candidatura de Jânio Quadros, viera aquela onda de esperança. [...] E isso explica a abominação que significava para nós, que já não éramos comunistas nem simpatizantes, a vinda do janguismo, com a tal república corporativista que, no fundo, era praticamente a ressurreição do golpe de 1937<sup>31</sup>.

Rachel de Queiroz enxergava o governo de João Goulart como uma continuação da tradição política do getulismo, no poder praticamente desde a década de 1930, e à qual a escritora sempre fez oposição. Assim, após a renúncia de Jânio Quadros, a frustração tomou conta do seu discurso e Rachel começou a perder a confiança de que o afastamento da herança getulista do poder pudesse acontecer por meio do voto, respeitando as vias democráticas.

Em meados de 1963, época em que se discutia por todo o país as chamadas "reformas de base", a escritora chama a atenção dos "cristãos" e "democratas" para não deixarem que bandeiras sociais como a luta contra a fome e a discriminação racial fossem empunhadas por "comunistas e demagogos comunizantes". Assim, dialogando diretamente com uma leitora que lhe escreveu, Rachel disserta:

Principalmente porque você e eu, e todos que pensam como nós, estamos interessados nessas reformas, enquanto eles, que as pregam, não o estão.

---

30 Cf. Verbetes dos políticos consultados no *Dicionário histórico e biográfico brasileiro*/ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (DHBB/CPDOC).

31 QUEIROZ & QUEIROZ, *op. cit.*, p.201-202.



---

---

Essa gente por aí que chora as dores do proletariado e mora em residência de luxo, que fala em reforma agrária formando realmente nos grupos de maiores latifundiários do País, que pertence ao partido dos trabalhadores e na verdade jamais empregou as duas mãos em trabalho de nenhuma espécie, – esses nossos chamados pregadores da justiça social são, na sua maioria absoluta, simples impostores, sem o menor interesse numa ordem social mais justa. O que eles querem é apenas a subversão, a confusão e a desordem, que lhes permitam subir na crista da onda e então impor a forma de governo deles, a qual, naturalmente, não terá de nada de socialista nem comunista, é claro. [...] Com eles você não terá reforma nenhuma, mas apenas peleguismo, agitação estéril, sacrifício dos mais fracos, e, quando o caos for completo, – ditadura<sup>32</sup>.

Além dos grupos de esquerda, Rachel se refere diretamente aos trabalhistas em sua crônica, na seguinte passagem: “Essa gente [...], que pertence ao partido dos trabalhadores e na verdade jamais empregou as duas mãos em trabalho de nenhuma espécie”<sup>33</sup>. O PTB aparece, portanto, como o partido de “impostores”, interessado não em uma “ordem social mais justa”, mas na subversão, na confusão e na desordem – e, em última instância, na ditadura. Rachel de Queiroz argumenta em várias crônicas deste período que os trabalhistas e os demais grupos de esquerda tinham como objetivo instaurar o caos no país e, em seguida, uma ditadura comunista – motivo que, mais adiante, seria usado por civis e militares para deflagrar o golpe de 1964. Esta ideia aparece também na crônica “Os ratos de Pavlov”, publicada em julho de 1963:

Seu fim é evidente – desorganizar o trabalho, promover o agravamento da inflação, desmoralizar a autoridade, instalar a desordem, a traição, a fome e o desespero geral. De aventura em aventura, de provocação em provocação, chegarem ao caos e à luta armada. Tudo faz crer que eles são realmente prepostos dos grupos mais reacionários, desses gorilas que eles fingem denunciar: primeiro promoverem o caos no País, para então poderem dar o seu golpe de força e instalarem a ditadura<sup>34</sup>.

Rachel de Queiroz foi construindo, ao longo do contexto de intensas disputas políticas no governo João Goulart, a ideia do “perigo vermelho”<sup>35</sup>, do risco iminente da instauração de uma ditadura, planejada não apenas pelos comunistas, mas pelos “demagogos” que se diziam “trabalhistas” e se infiltravam nos comandos de greve, nas manifestações por reformas de base, “ajudados pela cumplicidade de certos setores do Governo Federal”<sup>36</sup>. A escritora contribui, portanto, para a propagação do principal argumento que sustentaria o golpe civil-militar: o de que se estava lutando em defesa da democracia e contra o avanço comunista no Brasil.

A *Última Página* de Rachel de Queiroz não estava sozinha neste movimento. Como mostram diversos trabalhos historiográficos, boa parte da grande imprensa apoiou o golpe e, segundo Alzira Alves de Abreu, se constituiu na principal portadora da mensagem contra o governo constitucional de João Goulart. Veículos importantes como o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* e o *Diário de Notícias* intensificaram a campanha contra Jango em 1964, sobretudo após o Comício das Reformas e o levante dos marinheiros:

Durante o governo de João Goulart (1961-1964), a imprensa foi um dos vetores da divulgação do fantasma do comunismo, uma das principais justificativas para a deposição do presidente. Ao mesmo tempo, propalou a existência de um caos administrativo e participou da divulgação de que era imperiosa a necessidade do restabelecimento da ordem através de uma intervenção militar<sup>37</sup>.

---

32 O *Cruzeiro*, 04/05/1963, p. 130. “Sede de justiça”.

33 *Idem*.

34 O *Cruzeiro*, 20/07/1963, p.130. “Os ratos de Pavlov”.

35 Para historiografia mais detalhada sobre as diferentes correntes anticomunistas no Brasil e as principais estratégias de denúncia do comunismo na imprensa, Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002.

36 O *Cruzeiro*, 20/07/1963, p. 130. “Os ratos de Pavlov”.

37 ABREU, Alzira Alves de. *A imprensa e seu papel na queda de João Goulart*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2003.

Os veículos dos *Diários Associados*, inclusive a revista *O Cruzeiro*, também apoiaram a quebra institucional. O periódico *O Jornal*, um dos carros-chefes do conglomerado de Assis Chateaubriand, integrou a Rede da Democracia, um programa radiofônico comandado pelas rádios *Tupi*, *Globo* e *Jornal do Brasil*, que difundia pronunciamentos anticomunistas e de oposição ao governo Jango. Os programas eram também publicados nos respectivos jornais das três empresas de mídia envolvidas: *O Jornal*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*<sup>38</sup>. O idealizador do projeto foi João Calmon, vice-presidente dos *Diários Associados* e indicado diversas vezes como candidato ao Congresso nas crônicas de Rachel de Queiroz.

Em seu livro de memórias, a escritora fala sobre sua atuação política e intelectual durante o processo de queda do governo João Goulart no capítulo simbolicamente intitulado "A revolução de 1964".

Quando foi se tornando mais aguda a situação de Jango, com as campanhas de Brizola para presidente, eu escrevia muito sobre isso, ajudava, conversava com os jornalistas, com David Nasser [repórter de *O Cruzeiro*], com os meus grandes amigos Osório Borba, Raul Lima, Barreto Leite e outros mais. [...] E para todos nós, os símbolos sobreviventes do caudilhismo sem véus eram Jango, Brizola, o fantasma de Getúlio – tudo que eles representavam. Começamos então a conversar política a sério; nos reuníamos em minha casa; [...] As coisas foram se preparando, a gente conspirava, via o que um ou outro poderia fazer: passávamos às vezes a noite em 'vigília cívica'. Eu me mudava de quarto para poder receber os telefonemas de Adonias [Filho], já que Oyama [marido de Rachel] se recusava a acordar para saber das notícias<sup>39</sup>.

Rachel de Queiroz, convencida pela necessidade da saída de João Goulart do poder, começou a movimentar suas redes de sociabilidade, fazendo conexões importantes com outros intelectuais interessados no mesmo objetivo. Além de dialogar com outros escritores e jornalistas conservadores, como Adonias Filho e David Nasser, Rachel também se aproximou, na época, de militares preocupados com os rumos do país e com a ameaça comunista. Castello Branco, Golbery do Couto e Silva e Antônio Carlos Muricy foram alguns dos principais nomes com os quais a escritora se relacionou, desenvolvendo relações de amizade que perdurariam ao longo da ditadura. Assim, Rachel organizava reuniões em seu apartamento no Rio de Janeiro, com o objetivo de conspirar a favor da derrubada de Jango. Além disso, descreve sua atuação intelectual a favor do movimento feita na imprensa à época: "Eles me usavam como jornalista, eu opinava muito e era muito lida. [...] o lado político, de pregação, de jornalismo de combate, de artigos de encomenda, de nos trazerem assuntos para a gente falar, isso era o nosso trabalho"<sup>40</sup>.

Fazendo "jornalismo de combate" nas crônicas da revista *O Cruzeiro*, Rachel utilizou sua influência como intelectual renomada, "muito lida", para contribuir com a queda de João Goulart e a consequente instauração da ditadura. Nos anos que se seguiram ao golpe, continuou escrevendo a favor dos militares, defendendo medidas autoritárias e colaborando para a consolidação de um regime ditatorial que governaria o país por 21 anos<sup>41</sup>. Ao lado de outros escritores e jornalistas, fez parte de uma rede de intelectuais que, principalmente através da imprensa, atuou politicamente em prol do projeto de país conservador no qual acreditava.

---

38 CARVALHO, Aloysio Castelo de. *A Rede da Democracia: O Globo, O Jornal e o Jornal do Brasil na queda do Governo Goulart (1961-64)*. Niterói: Editora da UFF/Editora NitPress, 2010.

39 QUEIROZ & QUEIROZ, *op. cit.*, p.203.

40 *Idem*, p.204.

41 Cf. MENDES, Fernanda. "A 'fiadora do governo': as crônicas de Rachel de Queiroz na revista *O Cruzeiro* (1960/1975)". Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

---

---

## Considerações Finais

Envolvida com grupos de esquerda e com a criação do PCB em Fortaleza nos anos 1930, Rachel de Queiroz foi, desde cedo, uma intelectual profundamente engajada politicamente, tanto em suas crônicas quanto fora delas. Passou o período democrático de 1945 a 1964 comentando eleições, fazendo campanha para políticos, recomendando candidatos e abordando o desempenho de governos. Nos anos que precederam o golpe, fez campanha ativa na *Última Página* e em suas redes de sociabilidade pela derrubada de João Goulart.

Assim, apesar de declarar que não levava jeito para “mulher pública”, vimos ao longo deste artigo que Rachel tinha plena consciência do alcance de sua influência como intelectual através das crônicas publicadas em uma revista de circulação nacional. Sempre de forma clara, didática e direta, acreditando na sua função estratégica de “orientação”, de mediadora do pacto entre política e sociedade, tradição do modernismo brasileiro, a escritora responde a dúvidas e mostra aos seus leitores a importância do voto, o que deve ser levado em consideração na hora de escolher determinado candidato, que bandeiras sociais devem levantar, para quais perigos precisam estar alertas – estabelecendo, assim, uma relação de parceria e proximidade com seu público leitor.

Embora o alcance das crônicas, a sua possibilidade de construção de realidades e as variadas formas de interação entre intelectual e Estado não tenham sido aprofundadas neste artigo, bem como uma análise mais detida sobre o discurso conservador e autoritário da escritora na década de 1960, tentou-se discutir o engajamento político de Rachel de Queiroz como intelectual, sua preocupação com os rumos do país e o envolvimento ativo nos principais acontecimentos da história do Brasil durante o recorte temporal aqui delimitado. O objetivo foi refletir sobre o papel da intelectualidade e suas formas de engajamento na primeira metade dos anos 1960, período conturbado e de intensas disputas políticas no país, mostrando como Rachel de Queiroz contribuiu para a legitimação do golpe civil-militar de 1964 junto à sociedade.